

TRADUÇÕES DA LITERATURA FICCIONAL INDIANA PARA O PORTUGUÊS: UMA QUESTÃO CULTURAL

TRANSLATIONS OF THE INDIAN FICTIONAL LITERATURE INTO PORTUGUESE: A CULTURAL ISSUE

Gisele Cardoso de Lemos
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: A literatura ficcional pós-colonial tende a ser um solo fértil para repensar criticamente as tradições, resgatando-as, atualizando-as e transformando-as. Autores como Vikram Seth, Anita Desai e Sudhir Kakar, dentre outros, são exemplos bem sucedidos de diálogos com a tradição filosófica da Índia através da escrita ficcional. Porém, com a estimulação do mercado editorial em traduzir obras premiadas no exterior, verifica-se nas traduções para o português brasileiro da literatura ficcional indiana, originalmente em inglês, um sério problema de interpretação cultural. Uma obra literária está explicitamente ou implicitamente atrelada a uma cultura e uma tradução não pode ser uma questão meramente linguística, ela deve passar pela dimensão cultural da obra. O despreparo e a falta de comprometimento da parte de tradutores e revisores faz com que algumas traduções demonstrem graves falhas de entendimento da cultura indiana, comprometendo o diálogo com a tradição feita pelo escritor. Para a verificação desse cenário, serão analisados elementos específicos das seguintes obras: *The Calcutta Chromosome*, de Amitav Ghosh, *A River Sutra*, de Gita Mehta, e suas respectivas traduções para o português. Nestas obras são abordados assuntos como: o sistema de castas, a pluralidade de deuses, formas literárias clássicas da Índia, etc.

Palavras-chave: Tradução cultural, *The Calcutta Chromosome*, *A River Sutra*, língua, cultura.

Abstract: Post-colonial fiction tends to be fertile ground for rethinking traditions critically, by rescuing, updating and transforming them. Authors such as Vikram Seth, Anita Desai and Sudhir Kakar, among others, are examples of the successful dialogue between Indian philosophical tradition and fiction. However, when the national publishing market is stimulated by translations of winning works from abroad, many cultural interpretation problems can be identified in the translations of Indian fiction in English into Brazilian Portuguese. A literary work is explicitly or implicitly tied to a culture and the translation cannot be only a linguistic activity. It must touch the cultural dimension of the work. The unpreparedness and lack of commitment on the part of translators and proofreaders are reflected in some translations which demonstrate serious failures in understanding the connection between the Indian fiction and its dialogue with tradition. To verify this scenario, we will analyze specific elements of the following works: *The Calcutta Chromosome*, by Amitav Ghosh, *A River Sutra*, by Gita Mehta, and their translations into Brazilian Portuguese. These fictions cover subjects such as: the caste system, the plurality of gods and classic literary forms of India, among others.

Keywords: Cultural translation, *The Calcutta Chromosome*, *A River Sutra*, language, culture.

Introdução

Nas últimas décadas as obras ficcionais indianas em língua inglesa veem sendo cada vez mais traduzidas para o português brasileiro. Isso se deve ao aumento de escritores indianos nesta língua e ao grande sucesso que estão fazendo na Europa e nos Estados Unidos, especialmente no que tange às premiações

literárias como Man Booker Prize, Commonwealth Book Prize, etc. Porém, pela pressa com que o mercado editorial tem de fazer as traduções e a sede de lucro rápido, as traduções muitas vezes perdem qualidade ou sofrem com a falta de tradutores especializados neste tipo de literatura, afinal cada obra literária está implícita ou explicitamente ligada à cultura na qual seu escritor está inserido. Sendo

assim a tradução não pode ser meramente uma questão gramatical, mas, sobretudo cultural. A tradução não está ligada à significação como a encontramos no dicionário, ou seja, com a associação do significado ao objeto do mundo ao qual a palavra se refere ou a descrição das propriedades do seu referente, mas sim, aos sentidos culturalmente construídos, ao subjetivo e à visão de mundo de cada indivíduo.

Desenvolvimento

Para a compreensão deste trabalho, dois conceitos são chaves: língua e cultura. A língua é um conjunto de signos verbais simbólicos organizados por meio de normas através do qual mensagens são transmitidas e entendidas, informações são decodificadas e classificadas e eventos são anunciados e interpretados. A língua é um fato social e é a coletividade que estabelece o valor desse sistema. Enquanto isso, a cultura é o conjunto de ações, modos, hábitos, pensamentos e crenças, imbuídos de atividade criativa e crítica. Assim como a língua, a cultura também é um código simbólico através do qual mensagens são transmitidas e interpretadas. Entretanto, mais do que um código, a cultura é um cenário de composições e de orientações para o mundo conduzido em formas simbólicas.

Os tradutores, enquanto profissionais que lidam simultaneamente com línguas e culturas, têm a responsabilidade de transportar a diversos contextos culturais textos de diversos autores, com sentidos construídos dentro de um determinado contexto, em definidos ambientes, com a peculiaridade de, ao traduzir uma língua, não mudar o sentido de suas mensagens. Ao compreender o sentido construído culturalmente, esse profissional estará compreendendo significados especializados para um determinado grupo social e, com o conhecimento simultâneo da língua e da cultura, é que evitará resultados ambíguos

ou equivocados e obterá bom nível de compreensão da obra traduzida por parte do leitor. Pode-se dizer, então, que um tradutor que não se envolve com a cultura tem dificuldades em desempenhar o seu papel com eficiência.

Ao dizermos ‘cultura em tradução’ ou ‘tradução cultural’ estamos de falando processos de comunicação e de relações de significação que lida ao mesmo tempo com duas línguas ou mais línguas, como no caso das obras literárias indianas em inglês que apresentam palavras em inúmeras línguas regionais. O primeiro caso a ser analisado refere-se exatamente à complexidade de uma palavra de origem sânscrita introduzida na obra em inglês pela escritora indiana Gita Mehta. A obra a qual me refiro no original se chama *A river sutra*.

A tradução, feita e publicada pela editora Companhia das Letras traz como título o seguinte: *O monge endinheirado, a mulher do bandido e outras histórias de um rio indiano*. Vamos analisar como *A river sutra* foi transformado nos títulos dos dois primeiros contos da obra. Se analisarmos os dois títulos vemos que um dos substantivos no original em inglês foi traduzido para o português (*river* – rio), como o título original só conta com dois substantivos e um artigo, vemos que o problema foi gerado a partir da palavra *sūtra*.

A palavra *sūtra* tem sua origem na raiz verbal sânscrita *siv-*, que tem o sentido de costurar, e significa literalmente fio ou linha. É uma estrutura textual muito comum às escrituras canônicas indianas, que são tratadas como registros dos ensinamentos orais, baseados em curtos aforismos cuja concisão auxilia o sucesso da memorização de seus ensinamentos. Segundo John Dowson, o surgimento dos *sūtras* datam aproximadamente do séc. VI a.C (2005, p. 314).

Como os *sūtras* são extremamente complexos pelo seu alto grau de concisão, outra forma literária acabou sendo desenvolvida, os Comentários. São eles

que exploram os possíveis sentidos dos *sūtras*. Como composição literária fixa e sem nenhuma palavra equivalente em português, o termo deveria se manter o mesmo, seguido de uma nota introdutória do tradutor. Esta palavra conecta Gita Mehta com toda uma tradição literária endógena. O tradutor, não se utilizando dessa palavra, nega a filiação de Gita Mehta a toda uma tradição literária milenar indiana. O título da obra de Gita Mehta deveria ser algo como “O sutra do rio”, assim como são conhecidos em português os textos chamados de “O sutra do Lótus”, “O sutra do diamante”, “O sutra do coração”, dentre outros, vinculados ao budismo.

Vemos, então que, um dos grandes problemas do processo de tradução advém do sentido culturalmente construído pelo autor do texto, o de ver o texto tal como estas abordagens o veem, ou seja, como uma parte integrante do mundo e não como um exemplo isolado de língua. Vejamos como isso ocorre na obra de Amitav Ghosh, em uma tradução ainda mais problemática que a da escritora anterior.

É muito comum ouvirmos pessoas se referindo às pessoas nascidas na Índia como hindus. Essa falha ocorre pela substituição do adjetivo gentílico “indiano” pelo adjetivo que designa os praticantes ou seguidores do hinduísmo. Talvez pelo fato de 80 % da população indiana ser hindu ou pelos estudos de indologia do século XIX, focados na Índia hindu, terem gerado certo estereótipo, preservado até hoje em determinados contextos, muitos acreditam que todo indiano seja hindu.

Este problema ganha maiores proporções quando no original de *The Calcutta Chromosome*, de Amitav Ghosh, lemos o seguinte fragmento: “Then came a pair of bright black eyes. It occurred to Antar to wonder whether he might be Egyptian, whoever he was: he could have been – but he could just as well be Pakistani or Indian or Latin American.” (1997, p. 20). Notem que Amitav Ghosh escreveu *Indian* (indiano). Quando

comparamos com a tradução da Editora Ática, *O Cromossomo Calcutá*, lemos algo diferente: “Então surgiu um par de brilhantes olhos negros. Ocorreu a Antar que, não importando sua identidade, aquele homem poderia ser egípcio – mas também podia muito bem ser um paquistanês, ou um hindu, ou um latino-americano”. (1998, p.) Essa mudança do gentílico pelo designativo de um seguidor de uma religião fere o posicionamento neutro do autor expresso na palavra *Indian*, com a qual não se compromete com nenhuma religião específica. Sobretudo em uma passagem que sugere multiplicidade de possibilidades étnicas (paquistanês, indiano ou latino-americano).

Um segundo problema de tradução nesta mesma obra está relacionada com a seguinte afirmação, de Francis Aubert Henrik:

Mesmo aspectos aparentemente restritos à dimensão gramatical não deixam de conter essas marcas, como testemunham, entre tantos outros aspectos, as diferenças interlinguais na marcação de gênero, número, grau e definido / indefinido, a expressão de tempo e aspecto (vinculada mais ou menos estreitamente à conjugação verbal), as formas de tratamento, as preposições marcadoras da espacialidade (es-tática ou dinâmica), etc., etc. (2006, p.24)

No texto original de Ghosh, lemos a seguinte passagem: “The figure vanished as quickly as it had appeared, behind a six-foot dancing Ganesh”. (1997, p. 233). Quando lidamos com uma tradução entre línguas com distintas complexidades gramaticais, o cuidado deve ser ainda maior, pois maiores adaptações deverão ser feitas no texto traduzido. Neste caso, sabemos que no inglês determinadas classes gramaticais como artigo e adjetivo não possuem gênero, ou seja, há classes de palavras que não variam entre feminino e masculino, como ocorre com, por exemplo, as línguas neolatinas. Por exemplo, a

palavra *mesa* em português é uma palavra feminina, enquanto *livro* é masculino. Em inglês tanto *table* quanto *book* são neutras. Porém, o fragmento acima lida não com um objeto, mas com um deus que, na mitologia indiana, tem gênero definido. Se a língua inglesa não consegue definir o gênero desse deus no adjetivo que o precede *dancing*, que seria igual tanto relacionado a um homem ou a uma mulher, o tradutor deve recorrer a outras fontes para estar certo de sua tradução, uma vez que no português esta palavra terá de adquirir um gênero específico.

No dicionário de mitologia e religião hindu, de John Dowson, encontramos a seguinte apresentação para o verbete “Ganesh”: “Son of Siva and Pārvaṭī, or of Pārvaṭī only. One legend represents that he sprang from the scurf of Pārvaṭī’s body. He is the god of wisdom and remover of obstacles (...).” (2005, pp.106-107). Nesta passagem temos algumas marcações de gênero como as palavras *son* (filho) e *he* (ele) indicando um ser do gênero masculino. Sendo assim, a tradução da expressão *dancing Ganesh* deveria ser bem diferente da que vemos na tradução para o português, a qual segue: “O vulto se desvaneceu tão depressa quanto surgira, escondendo-se atrás de uma dançarina Ganesh de um metro e oitenta de altura”. (1998, p.211)

O último exemplo a ser dado refere-se à seguinte passagem, do original:

As it turned out this stationmaster was an orthodox, upper-caste man: he took an instant dislike to the lad, looking on him as an affront to himself. He told the villagers that Laakhan was worse than untouchable; that he carried contagion; that he was probably the child of a prostitute; that his misshapen left hand was a mark of hereditary disease. (1997, p. 282).

Neste fragmento há uma clara e objetiva referência ao sistema de castas. Um é descrito como sendo de uma casta alta (*upper-caste man*) e o outro como

sendo posto abaixo de um intocável (*untouchable*) ou tendo tais características. O sistema de casta ou *varna* é um dos principais sistemas organizadores da sociedade indiana e é um elemento muito caracterizante desta sociedade. Há quatro *varna(s)* ou castas principais: 1- *brahmin*; 2- *kshatriya*; 3- *vaisya* e 4- *sudra*. Fora deste sistema estão os *advāsī(s)* ou tribais e os *dalit(s)*, também chamados intocáveis, uma vez que seu toque é, por muitos, ainda hoje considerado impuro e costuma ser evitado. O sistema de casta é muito complexo porque determina não somente ofícios, mas todo um conjunto de regras de comportamento e deveres. Na tradução para o português lemos o seguinte:

Como se viu depois, o tal chefe era um ortodoxo, um homem de casta superior, e antipatizou de imediato com o menino, considerando-o uma afronta a sua pessoa. Assim, espalhou para os aldeões que Laakhan devia ser isolado por sofrer de um mal contagioso; que era provavelmente filho de uma prostituta; que sua mão esquerda defeituosa constituía a marca de uma enfermidade hereditária. (1998, p.254)

Vemos que a frase “Laakhan was worse than an untouchable” não é mencionada na tradução. A referência à casta alta de um dos personagens em conflito perde sentido se a suposta intocabilidade do outro não for mencionada. Também perde parte do sentido o próprio conflito já que a diferença de castas pode ser considerada como um fator que propicia o desentendimento entre os personagens.

Conclusão

É fato concreto que a tradução contribui com a comunicação cultural entre interlocutores de línguas diferentes. Mas o grau de sucesso desta comunicação intercultural mediada pela tradução deve-se muito ao comprometimento e cautela

com que a tradução é feita. Beatriz Sarlo lembra que "a tradução é, simultaneamente, comunicação e obstáculo, uma vez que as línguas [culturas] nunca se refletem umas nas outras como em um espelho" (2002, p.50).

Por todos os exemplos anteriormente apresentados, ao pensar em fazer um trabalho de tradução, o tradutor não deve levar em conta, somente a transcodificação da palavra, ou seja, a equivalência de significado entre línguas. Mas sim, deve levar em conta os sentidos do autor, o contexto e o cenário a ser traduzido. Com este objetivo, seria interessante que o tradutor procurasse por leituras constantes e variadas sobre a cultura do autor, etc. Sem agir assim, este profissional estará saltando a conclusões sobre sentidos e significados do autor, fazendo interpretações errôneas, de acordo com seus próprios valores, ou seja, de acordo com seus próprios sentidos, seus pontos de vista e, acima de tudo, vinculando uma mensagem distinta da intencionada pelo autor.

Referências bibliográficas:

AUBERT, Francis Henrik. Indagação acerca dos marcadores culturais nas traduções. In: *Estudos Orientais*. USP, n. 5, 2006.

BORGES, Ana Isabel e NERCOLINI, Marildo José. A (im)possibilidade da tradução cultural. In: *II Congresso Brasileiro de Hispanistas*, 2002, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000300006&lng=en&nrm=abn>.

Acesso em: 01/09/ 2012.

DOWSON, John. *A Classical Dictionary of Hindu Mythology and Religion: Geography, History and Literature*. New Delhi: Rupa and Co., 2005.

GHOSH, Amitav. *The Calcutta Chromosome*. New York: Avon Books, 1997.

_____. *O Cromossomo Calcutá*. Tradução de Sandra Couto. São Paulo: Editora Ática, 1998.

MEHTA, Gita. *A River Sutra*. Berkshire: Minerva, 1994.

_____. *O monge endinheirado, a mulher do bandido e outras histórias de um rio indiano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SARLO, Beatriz. "A literatura na esfera pública". In: MARQUES, R. e VILELA, L.H. (org.). *Valores: arte, mercado, política*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Abralic, 2002. p.37-55.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

The Laws of Manu. With an introduction and notes translated by Wendy Doniger with Brian K. Smith. London: Penguin books, 1991.

Sobre o autor:

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: giseleclemos@gmail.com